

## A mulher como sujeito subalterno no conto “Liberdade Adiada”, de Dina Salústio /

*The woman as a subordinate subject in the short story*

*‘Liberdade Adiada’, by Dina Salústio*

Ana Carolina da Silveira Costa Santiago\*

Professora de Língua Inglesa. Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPCL) e membro do Grupo de Estudo de Literatura e suas interfaces críticas (GELINTER), ambos da UERN. Graduada em Letras, com habilitação em Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN (2018). Suas áreas de interesse incluem literatura gótica e literatura de autoria feminina.

 <https://orcid.org/0000-0001-6579-9608>

Sebastião Marques Cardoso\*\*

Graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1996), mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1999), doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2007) e pós-doutorado em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2014). É docente permanente do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE- FALA) e dos Programas de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e Ciências da Linguagem (PPCL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Presidente e sócio-fundador da PODES - Associação de estudos pós-colônias e decolonias no ensino, na cultura e nas literaturas sul-sul.

 <https://orcid.org/0000-0003-2296-3062>

**Recebido:** 15 out. 2019. **Aprovado:** 18 abr. 2020.

### Como citar este artigo:

COSTA SANTIAGO, Ana Carolina da Silveira; CARDOSO, Sebastião Marques. A mulher como sujeito subalterno no conto Liberdade Adiada, de Dina Salústio. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 9, n. 2, p. 197-210, jun. 2020.

### RESUMO

Sob a luz da perspectiva feminista pós-colonial, este artigo pretende analisar o conto *Liberdade adiada*, da autora cabo-verdiana Dina Salústio, que integra a obra *Mornas eram as noites* (2002). Por meio deste trabalho, pretende-se problematizar a história da mulher cabo-verdiana e sua condição enquanto sujeito emudecido e apagado. Ainda há muito o que se debater sobre as questões que envolvem o sujeito feminino em um país periférico. Com base em teorias pós-modernas, analisamos aspectos como subalternidade, o sujeito feminino e sua condição. Para falar da

\*

 [c.silveira.santiago@gmail.com](mailto:c.silveira.santiago@gmail.com)

\*\*

 [sebastiaomarques@uol.com.br](mailto:sebastiaomarques@uol.com.br)

 <http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v9i2.1621>

literatura africana como um todo, teremos o suporte de autores como Mazrui (2010), Santos (2003) e Gandhi (1998). Para tratar de tópicos como feminismo e pós-colonialismo, teremos como base leituras em Silva (2014), Bahri (2013), Spivak (2010). E sobre autoria feminina em Cabo Verde, teremos Gomes (2015) como cerne. O presente estudo almeja tratar sobre a emergência da construção de uma identidade feminina da mulher cabo-verdiana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feminismo pós-colonial; Autoria feminina; Dina Salústio; Subalternidade.

#### ABSTRACT

*In the light of the post-colonial feminist perspective, this article intends to analyze the short story *Liberdade Adiada* of the Cape Verdean author Dina Salústio, which integrates the work *Mornas eram as noites* (2002). Through this work, it is intended to rescue the history of Cape Verdean woman and her condition as a muted and erased subject. There is still much to discuss on the issues involving the female subject in a peripheral country. Based on postmodern theories, we analyze aspects such as subalternity, the female subject and her condition. To speak of African literature as a whole, we will have the support of authors such as Mazrui (2010), Santos (2003) and Gandhi (1998). To deal with topics such as feminism and post-colonialism, we will be based on readings in Silva (2014), Bahri (2013), Spivak (2010). And on female authorship in Cape Verde, we will have Gomes (2015) as the core. The present study aims to treat the emergence of the construction of a female identity of Cape Verdean woman.*

**KEYWORDS:** Feminism post-colonial; Female authorship; Dina Salústio; Subalternity.

## 1 Considerações iniciais

A escrita sempre foi um veículo de explanação de ideias e conceitos, o campo ideal para que mulheres viessem a expor opiniões e construir discursos a seu favor. Talvez possamos afirmar que o/a escritor (a) deseja compartilhar uma “escritura de si” para que seus leitores (as) possam vir a se identificar com o que ali está sendo dito. Nossa discussão será baseada em dados relevantes que observam “a herança colonial de miscigenação cultural e racial, a extensão da influência da ideologia luso-tropical, o impacto dos discursos de africanização emergentes ao longo da luta anticolonial” (SILVA, 2014, p. 69). O trabalho almeja rememorar a evolução do indivíduo africano, assim como também analisar o desenvolvimento do papel do sujeito feminino nas sociedades africanas de língua portuguesa, em uma perspectiva anti-colonial e feminista pós-colonial, visando compreender como a identidade feminina “veio a ser construída culturalmente como subalterna” (SILVA, 2014, p. 69).

Podemos dizer que temas como trabalho forçado, a “feudalização”, o espectro de classes, são tópicos muito recorrentes na literatura africana. Esta tem sua gênese junto à militância, ambas andando lado a lado e combatendo as imposições europeias sobre o espírito africano, “o orador africano, alcançando a mina representada pela literatura europeia, viu, venceu – e apoderou-se. Em seguida ele iniciou a sua subida” (MAZRUI, 2010, p. 673). Tal “subida” foi e é árdua até hoje, sente-se uma necessidade de um olhar crítico africano sobre a sua própria literatura.

Até então estamos falando sobre literatura africana de um modo geral, e podemos inferir o quanto esse tipo de escrita ocupa um lugar periférico. Por um longo período, deparamo-nos com



escritas e produções literárias masculinas e dominantes de ascendência ocidental (Cf. SAID, 2010). Porém, com a presença das mulheres cada vez maior nas esferas da sociedade, fora do espaço exclusivamente doméstico, os indivíduos passaram a levantar mais questionamentos em relação as suas sinas, especialmente, a sua identidade. Baseada na teoria feminista pós-colonial, podemos observar que além de colonizadas, as mulheres eram discriminadas dentre os seus iguais (homens, também colonizados, mas que devido a sociedade patriarcal, se sentem superiores) e mesmo após a desconstrução da narrativa colonial, o “padrão colonizador” ainda persiste, principalmente se for sobre mulheres.

Tratando-se de autoria feminina africana em países de língua portuguesa, é crescente o número de estudos e contribuições científicas sobre escritas de mulheres que contam a história da mulher africana, a mulher negra, subalterna e discriminada dentro de seu próprio povo. Em nosso trabalho visamos estudar o povo (não a elite), o subalterno, a mulher, e é com base nesse “desvio” que o estudo tomará forma.

A questão de ser mulher em um país periférico nos parece ser a mais problemática. Spivak (2010, p. 88) diz que, “ao buscar aprender a falar ao (em vez de ouvir ou falar em nome do) sujeito historicamente emudecido da mulher subalterna, o intelectual pós-colonial *sistematicamente* ‘desaprende’ o privilégio feminino”, ou seja, é necessário que se faça uma leitura crítica desse discurso, “não apenas substituindo a figura perdida do (a) colonizado (a)” (SPIVAK, 2010, p. 88).

Entre o patriarcado e o imperialismo, a constituição do sujeito e a formação do objeto, a figura da mulher desaparece, não em um vazio imaculado, mas em um violento arremesso que é a figuração deslocada, da ‘mulher do Terceiro Mundo’, encurralada entre a tradição e a modernização. (SPIVAK, 2010, p. 119)

Desse modo, daremos início ao nosso estudo e análise sobre o papel da mulher como sujeito subalterno sob uma perspectiva feminista pós-colonial, analisando o conto *Liberdade Adiada*, de Dina Salústio. A seguir, adentraremos um pouco mais nesse tópico, especificamente na escrita de autoria feminina africana de Cabo Verde.

## 2 Literatura feminina em Cabo Verde

Os textos femininos, em sua maioria, descrevem com frequência o cotidiano da mulher. Dessa forma,



Mesclando traços do mundo exterior e interior, o sentimento de criouldade se fortalece pelo saber construído entre as frestas do poder e vai, por assim dizer, costurando os desejos fragmentados pelo colonizador. O discurso patriarcal, revisto, libera critérios de valor, abrindo possibilidades ao surgimento da escrita feminina que, embora tímida, não deixa de merecer da crítica olhares de aprovação e por vezes encantamento. (GOMES, 2015, p. 177)

A passagem acima nos traz um termo inerente ao tema, a questão da criouldade. Em linhas gerais, criouldade seria uma espécie recomposição de rastros, memórias de uma cultura, dispersão do signo colonial, porém essa criouldização exige algo dos elementos heterogêneos inseridos na cultura local “colocados em relação, se intervalorizem” (GLISSANT, 2005, p. 22), ou seja, que tenham valor equivalente, sem que um inferiorize ou anule o outro. A escrita feminina africana se fortalece em cima desses elementos heterogêneos inseridos em sua cultura, há uma desestabilização de sentido e isso contribui para a inserção dos discursos femininos locais. Segundo Glissant (2005, p. 25), “as línguas crioulas provêm do choque, da consunção, da consumação recíproca de elementos linguísticos”, e partindo de um ponto de vista positivo, a criouldização auxilia na criação de uma identidade própria, apesar de esta ser construída a partir de elementos externos a ela.

Retomando o pensamento da escrita feminina africana, a criouldização abre passagem para a reconstrução de saberes e ânsias femininas, antes fragmentados pelo colonizador, apesar de ainda ter de subverter os limites chauvinistas, políticos e autoritários impostos pela cultura de colonização deixada.

Salvo a literatura africana possuir essa dependência enraizada à política e à militância, escritoras começaram a se sobressair com temáticas paralelas a estas. Critérios ainda pautados por uma crítica europeia ampliam e dão visibilidade a textos que mostram a realidade vivenciada por mulheres. Dessa forma, a escrita, além de uma atividade, é uma maneira das autoras resgatarem e reconstruírem o papel da mulher como um indivíduo que não mais se calará.

A literatura de autoria feminina cabo-verdiana é repleta de traços da vida em seu interior, das atividades exercidas por aquelas mulheres, seus anseios e frustrações. Fátima Bettencourt (apud GOMES, 2001, p. 177) observa que,

Acontece-me por vezes ter que procurar umas coisinhas por aí e foi ao passar as folhas do avantajado volume de “A Imprensa Cabo-Verdiana” de João Nobre de Oliveira que de repente me dei conta de que entre 1820 e 1930 praticamente não havia mulheres em Cabo Verde, conclusão que, por

demasiado absurda, sou obrigada a recusar. Elas na verdade vegetavam por aí, pelas sombras da casa. Quietas e calmas iam tendo os filhos, os que Deus mandava e os maridos determinavam, mas nem o amor nem a dor as faziam soltar um suspiro que fosse que delas desse sinal de presença. Como vagos fantasmas faziam a lida da casa, se pensavam ninguém sabia, se sonhavam ninguém jamais suspeitara. Praticamente mergulhadas no limbo, pouquíssimas referências vislumbro de suas existências e por isso sou levada a supor que se alguma delas ultrapassou esse estado quase vegetal. Foi silenciada e escamoteada de imprensa escrita, que é como quem diz, da História destas ilhas, ilhas que, todavia, fervilhavam de atividade jornalística. Note-se que estamos falando de um período de mais de cem anos, já que estou longe de vasculhar o livro todo, homérica tarefa.

A passagem é esclarecedora e autoexplicativa sobre a vida das mulheres na ilha de Cabo Verde, mulheres que vegetavam pela casa, sem direito a expressão alguma, o que não difere muito da vida de mulheres de outras nacionalidades como, por exemplo, as brasileiras. Foi a partir do período pós-independência (1975), e com as ideias feministas dos anos 1970, que mulheres da classe média de Cabo Verde passaram a demonstrar seus descontentamentos com o sistema opressor colonialista e patriarcal. As mulheres cabo-verdianas queriam mais do que viver ilhadas em suas próprias casas, reféns de seus maridos. A literatura então problematiza essa história das mulheres em Cabo Verde, difere o feminino e o masculino, assim como seus aspectos culturais, constituintes da identidade de um coletivo.

Em alguns momentos, as teorias feministas e pós-coloniais tanto se completam como se questionam, paradoxalmente, como o exemplo dado por Bahri,

Os estudos feministas e os estudos pós-coloniais às vezes se encontram em uma relação mutuamente investigativa e interativa entre si, especialmente quando se tornam muito específicos, por exemplo, quando as perspectivas feministas fecham os olhos a assuntos pertencentes ao colonialismo e à divisão internacional do trabalho e quando os estudos pós-coloniais ignoram a questão do gênero em sua análise. De um lado, então, as feministas por vezes reclamam que as análises de textos coloniais e pós-coloniais não consideram questões de gênero, omitindo-as para dar atenção a questões supostamente mais importantes, tais como a construção do império, a descolonização e a luta pela libertação (no contexto colonial), e a construção da nação (no contexto pós-colonial). (BAHRI, 2013, p. 662)

Apesar de possuírem muitos desencontros em seus ideais, as teorias feministas e pós-coloniais podem convergir e adicionar ainda mais conhecimento ao tema do feminismo pós-colonial, que envolve mulheres, negras em sua maioria, de países subdesenvolvidos e sem acesso a oportunidades para uma vida melhor em sociedade. A questão é que os estudos feministas pós-

coloniais claramente indicam uma relação com uma “configuração discursiva em diálogo com construções acadêmicas predominantes do Primeiro Mundo, mesmo quando em tensão com essas” (BAHRI, 2013, p. 663), então, alguns questionamentos podem vir a surgir como, quem fala pelo feminino pós-colonial? Para quem? O que sabemos é tais estudos surgiram devido à lacuna que havia em relação a esses tópicos. E esses debates dentro da teoria só enriquecem e trazem visibilidade para o que antes não era central.

O feminismo e o pós-colonialismo podem se complementar, e, na contemporaneidade, são campos necessários para que se desconstruam as imposições de anos de colonização e patriarcado. A cultura de resistência está intrinsecamente relacionada às teorias feministas, como a de Simone Beauvoir (1980), que questiona os motivos pelos quais a mulher se submete à opressões; e pós-coloniais, como Indepal Grewal (1994) e Caren Kaplan (1989) que trabalham com a perspectiva de “práticas feministas transnacionais”, a relação entre estudos pós-coloniais e estudos transnacionais sendo intrínseca à trajetória feminista, pois esta sempre focou nos contrastes promovidos pelo patriarcado capitalista e social.

Tais teorias que contemplam, em sua maioria, a figura da mulher de países periféricos, a figura feminina que não teve acesso à educação, que vive em países onde o índice de desenvolvimento humano é baixo e, geralmente, tem muitos filhos, tornando-se prisioneira do lar.

Teorias feministas pós-coloniais podem ser utilizadas no estudo da escrita de Dina Salústio, visto que nasceram com a ideia de subverter padrões de raça, cor e gênero. Em sua coletânea *Mornas eram as noites*, ela traz histórias tensas e breves, sobre mulheres de todos os tipos, histórias de vida, histórias híbridas entre prosa e poesia. Os contos são lidos em uma “sentada”, mas sua brevidade não extingue sua intensidade, como afirma Antônio Manuel Ferreira,

Note-se, porém, que brevidade narrativa não significa ausência de espessura; a brevidade narrativa exige um minucioso trabalho de escrita, de modo a produzir um efeito de concisão tensa, não perdulária, mas geradora de mecanismos que propiciam o funcionamento pleno da linguagem. É por isso que as narrativas breves tendem a ser aproximadas da densidade semântica do poema ou da fotografia [...]. Como o poema, a narrativa breve pressupõe a existência de um leitor disponível para o trabalho de concertação e expansão de sentidos indiciados pelo texto. Dir-se-á que toda a leitura de um texto literário exige o mesmo pressuposto. É verdade. Trata-se, no entanto, de uma questão de investimento: revelar a profundidade subjacente à brevidade, isto é, articular a densidade do conteúdo com a exiguidade da forma, é uma tarefa que captura a atenção do leitor. Talvez resida nesta exigência de verdadeira cooperação criativa o motivo que leva os leitores a preferirem as narrativas breves. (FERREIRA, 2006, p. 150)

Pode se dizer que Dina Salústio se preocupa em transcrever a realidade, principalmente de mulheres e para mulheres, e que estas possam vir a reescrever suas vidas saindo da subalternidade em que vivem. É possível que uma das preocupações centrais de Salústio em sua escrita, seja a de transcender discursos hegemônicos, inclusive as nossas próprias crenças e cultura, produzindo um novo saber, para que assim se possa construir uma nova história sem necessariamente apagar o passado. Faz-se necessário, assim, compreender a literatura de Salústio e a representação que esta faz do sujeito feminino em países periféricos, o que é discutido a seguir.

## 2.1 Dina Salústio

Bernardina Oliveira Salústio, nascida em Cabo Verde, poeta e prosadora, foi assistente social, professora e jornalista. Dedicou-se, em maior parte, a escritas com enfoque na pobreza e miséria, marginalidade social, violência contra mulher. Uma de suas principais obras *Mornas eram as noites* que trata dos temas citados anteriormente, lhe valeu o Prêmio de Literatura Infantil de Cabo Verde. Dina vem contribuindo para a construção de um espaço feminino no arquipélago que é majoritariamente dominado por homens.

Dina Salústio, ao fazer análises sociais em seus trabalhos, une “condensação e intensidade a um intuito que move a autora: contar ‘histórias de mulheres’” (GOMES, 2012, p. 53), como podemos observar em depoimento da própria autora:

Não fiz uma seleção desses textos, só o primeiro foi intencional, para querer mostrar o meu reconhecimento a estas mulheres cabo-verdianas que trabalham duro, que fazem o trabalho da pedra, que carregam água, que trabalham a terra, que têm a obrigação de cuidar dos filhos, de acender o lume. Quis prestar uma homenagem a estas mulheres. [...] As histórias acontecem, ao sabor do voo. Falo das mulheres intelectuais, daquelas que não são intelectuais, daquelas que não têm nenhum meio de vida escrito, falo da prostituta, falo de todas as mulheres que me dão alguma coisa, e que eu tenho alguma coisa delas. [...] Em Cabo Verde, quando nasce uma menina, ela já é uma mulher. (SALÚSTIO, 1994)

A última frase da citação tornou-se um famoso dito da autora, uma representação do sujeito feminino na ilha de Cabo Verde, meninas que já nascem com obrigações de mulheres adultas, meninas que precisam amadurecer antes do tempo para que possam sobreviver em um

meio hostil e opressor. O conto que escolhemos para análise, “Liberdade adiada”, pode ser visto como um quadro sobre a vida e condição feminina da mulher em Cabo Verde.

### 3 Liberdade adiada

Em sua condição de insularidade, a escritora cabo-verdiana Dina Salústio afirma que a escrita não é uma forma de ganhar a vida, mas de viver a vida em Cabo Verde, “com extremo engajamento, não se dedicando exclusivamente a ela, geralmente por impossibilidade de escolha” (SALÚSTIO, 1998, p. 33). Nota-se a falta de possibilidades para escritores, principalmente se tratando de autoria feminina, o sentimento de abandono e isolamento no ilhéu pode ser observado nas produções literárias de mulheres, a falta de perspectiva, a ausência de um espaço aberto, onde o indivíduo cabo-verdiano possa transitar e que lhe proporcionasse outras vidas.

Escrito em 1994, “Liberdade adiada” é um dos contos que constituem a obra *Mornas eram as noites* (2002), uma produção com traços de poesia e análise social. O conto descreve o dia a dia de uma mulher em seus afazeres do lar, exausta da vida que tem. Paulatinamente, lhe vem à mente o desejo de morte. A personagem principal não tem um nome específico, talvez devido ao fato de representar uma realidade coletiva. Durante a curta história, ela fala sobre filhos, mas não há o apontamento de um pai. Sem perspectiva de vida e com filhos que ela denomina indesejados, a personagem não vê solução para si senão o suicídio.

O próprio conto já se inicia com a representação do fardo que uma mulher, em Cabo Verde, nasce para carregar. Uma personagem feminina, sem nome, talvez para não representar apenas um indivíduo, mas um coletivo, é descrita na passagem: “Sentia-se cansada. A barriga, as pernas, a cabeça, o corpo todo era um enorme peso, que lhe caía irremediavelmente em cima” (SALÚSTIO, 2002, p. 5). Podemos observar o infortúnio de se nascer mulher, em uma região onde traços colonizadores ainda são muito fortes e a subalternidade e marginalização recai, ainda mais intensa, sobre o sujeito feminino.

As mulheres, em Cabo Verde, assim como em muitas regiões periféricas, desde cedo, começam a ter filhos, e isso é algo que está implícito no título deste conto (aponta para a privação da liberdade em decorrência da gravidez precoce) e um dos problemas sociais ressaltados pela autora. “Liberdade adiada” retrata a prisão precoce de jovens mulheres a seus lares, filhos e maridos. O conto relata, em terceira pessoa, a trajetória de uma mulher que foi buscar água em um local longínquo e sofrido. As primeiras referências são sobre um lugar remoto, onde as

mulheres precisam ir buscar latas de água para uso doméstico, e esta é uma das poucas atividades que exercem fora do lar, como podemos observar no trecho da obra a seguir.

Pensou em atirar a lata de água ao chão, esparramar-se no líquido, encharcar-se, fazer-se lama, confundir-se com aqueles caminhos que durante anos e mais anos lhe comiam a sola dos pés, lhe queimavam as veias, lhe roubavam as forças. (SALÚSTIO, 2002, p. 5).

Nota-se a insatisfação da personagem do conto em relação à vida que lhe foi imposta: trata-se de uma mulher que, assim como muitas outras, não tem discernimento dos motivos que a levaram àquela condição. A dificuldade ao acesso à educação, a falta de perspectiva e a imposição de modelos patriarcais e colonizadores, como o imperialismo do colonizador branco, são fatores que estão diretamente ligados ao modelo de vida que essas mulheres têm, e se faz necessário uma “desestabilização das estruturas patriarcais” (SCHMIDT, 2010), assim como nos padrões colonialistas, para Schmidt,

[...] é indispensável acreditar que as energias feministas no campo dos estudos literários têm a potencialidade de interferir no discurso crítico, revitalizar o ensino e fecundar uma agenda educativo-pedagógica-política capaz de interromper as continuidades históricas das exclusões, da violência e do preconceito. Essa interrupção implica a desestabilização das estruturas patriarcais, a transgressão de paradigmas binários, vigentes no campo social e no campo científico, a descolonização do pensamento em sentido amplo e irrestrito e a reinvenção de subjetividades. (SCHMIDT, 2010, p. 270)

No excerto a seguir, a frustração da vida predestinada de ser mulher no arquipélago é nítida e ácida,

Imaginou os filhos que aguardavam e que já deviam estar acordados. Os filhos que ela odiava! Aos vinte e três anos disseram-lhe que tinha o útero descaído. Bom seria que caísse de vez! Estava farta daquele bocado de si que ano após ano, enchia, inchava, desenchia e lhe atirava para os braços e para os cuidados mais um pedacinho de gente. (SALÚSTIO, 2002, p. 5)

A mulher estava cansada de ser apenas um receptáculo que “enchia, inchava e desenchia” ano após ano, como se essa fosse a única função que ela poderia vir a exercer. Como Dina Salústio comenta, em Cabo Verde, quando nasce uma menina ela é uma mulher, visto que se trata de uma jovem que, aos vinte e três anos, já possui o “útero descaído”. O que podemos observar é que, mesmo em tempos pós-coloniais, a participação do sujeito feminino na construção

ideológica, no trabalho, na política e/ou na vida social, é obliterada (SPIVAK, 2010, p. 66), e essa obliteração de gênero acaba mantendo, assim, a dominação masculina. “Se, no contexto da produção colonial, o subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 67).

O destino traçado da maternidade na vida de uma mulher é um dos grandes anseios de muitas delas. A falta de perspectiva de vida as leva ao enclausuramento do papel de mãe e esposa. Sobre isso, Badinter (1985, p. 237) entende que

Enclausurada em seu papel de mãe, a mulher não mais poderá evitá-lo sob pena de condenação moral. Foi essa, durante muito tempo, uma causa importante das dificuldades do trabalho feminino. A razão também do desprezo ou da piedade pelas mulheres que não tinham filhos, do opróbrio daquelas que não os queriam.

Durante o conto, podemos observar essa abjeção sobre a maternidade. Em um momento, a mulher odeia os seus filhos, planeja não voltar para casa e até pensa em pôr um fim em sua vida, pulando de um barranco. Em outro momento, o sentimento de culpa recai sobre a mesma, como se observa na citação da obra a seguir:

Não. Não voltaria para casa. O barranco olhava-a, boca aberta, num sorriso irresistível, convidando-a para o encontro final. [...] O que tinha a ver os filhos com o coração? Os filhos... Como ela os amava, Nossenhora! Apressou-se a ir ao encontro deles. O mais novito devia estar a chamar por ela. (SALÚSTIO, 2002, p. 5-6)

Na passagem, a mulher reflete sobre o que os filhos teriam a ver com a sua infelicidade e frustração, ou seja, trata-se de um sentimento paradoxal que a põe em dúvida e a angustia.

Existe um hiato na vida da mulher cabo verdiana. No conto “Liberdade adiada”, podemos ver que ela está sempre aquém de qualquer atividade civil, política, social e, se podemos dizer também, humana. Dedicada exclusivamente ao lar, a vida exterior é algo praticamente inexistente, uma lata de carregar água se torna motivo da sua atenção e apreço, como podemos observar, “gostava da sua lata de carregar água. Tratava-a bem. Às vezes, em momentos de raiva ou simplesmente indefinidos, areava-a uma, dez, mil vezes, até que ficava a luzir e a cólera, ou a indefinição se perdiam no brilho do prateado” (SALÚSTIO, 2002, p. 6). Esse coletivo de sujeitos femininos vivem em “um entre-lugar, um espaço de devir” (GAMA-KHALIL, 2008, p. 90), talvez, possamos afirmar que elas vivem em uma diáspora, porém sem sair de sua própria ilha, são

forçadas a se mudar de si. Entendemos a diáspora, que segundo Hall (2003, p. 33) “está fundada sobre a construção de uma fronteira de exclusão do outro”, a exclusão da mulher, cujo pertencimento se mostra, na maioria das vezes, temporário. Lotada de solidão, medo da perda e enfrentamento de novas frustrações.

Na continuação da leitura, percebemos uma mulher jovem, porém envelhecida, e que por ser forçada a viver de tal forma, pensa até em um possível suicídio, pular do barranco pelo qual ela passa quando vai buscar água. A passagem da obra assim descreve a situação: “Atirar-se-ia pelo barranco abaixo. Não perdia nada. Aliás nunca perdeu nada. Nunca teve nada para perder. Disseram-lhe que tinha perdido a virgindade, mas nunca chegou a saber o que aquilo era” (SALÚSTIO, 2002, p. 6). A personagem mal sabia o que era ter “perdido a virgindade”, pois são vidas tão padronizadas, que esta só seguia modelos e tradições.

Badinter (1985) questiona o ensinamento que nos é passado há séculos, “‘complemento’ do homem, a mulher é uma criatura essencialmente relativa. Ela é o que o homem não é, para formar com de, e sob suas ordens, o todo da humanidade”, esse pensamento é atemporal, podemos entender um pouco mais como funciona a consciência da mulher subalterna em um país periférico, a humilhação e o infortúnio de ser colonizada, não só pela cor, mas pelo gênero. A mulher não nasce para si, mas para agradar o outro. Dando continuidade a história, a narradora fala, “À borda do barranco, com a lata de água à cabeça e a saia batida pelo vento, pensou nos filhos e levou as mãos ao peito (SALÚSTIO, 2002, p. 6), os filhos, outra questão inerente ao ser feminino, principalmente àquelas em países subdesenvolvidos.

Ao final do conto, nota-se o turbilhão de emoções que percorrem a mulher, personagem principal. Parece-nos que, para ela, morrer é melhor do que viver aquela vida, que pular do barranco seria o passo final para sua tão desejada liberdade, mas subitamente os filhos lhe vêm à mente, e, apesar de muito jovem, o peso da maternidade lhe faz ponderar sobre essa liberdade que ela almeja, como se vê na passagem.

Correu deixando o barranco e o sonho de liberdade para trás. Quando a encontrei na praia, ela esperando a pesca, eu atrás de outros desejos, contou-me aquele pedaço da sua vida, em resposta ao meu comentário de como seria bom montar numa onda e partir rumo a outros destinos, a outros desertos, a outros natais. (SALÚSTIO, 2002, p. 6)

Não mais pularia do barranco. Não mais deixaria a família para trás. A pressão ideológica do ser mãe talvez a tenha feito repensar sobre tudo, “da responsabilidade à culpa havia apenas um passo, que levava diretamente à condenação” (BADINTER, 1985, p. 271).

No último trecho do conto, temos o suposto encontro da narradora com a personagem. As duas trocam algumas palavras sobre como seria ter um novo destino, uma nova vida, uma outra perspectiva. A mulher, apesar de sonhar, não se sente capaz de dar continuidade aos seus desejos, muitas vezes pela culpa que é imposta sobre a mesma. As frustrações e ansiedades externados pela narradora sobre a personagem no conto tecem uma ideia sobre a subjetividade dos cotidianos femininos no arquipélago de Cabo Verde.

### Considerações finais

O conto “Liberdade Adiada” se configura como uma narrativa atravessada pelo exílio feminino na comunidade cabo-verdiana. As barreiras que nos mantêm seguros dentro do território familiar nem sempre são positivas, estas “também podem se tornar prisões e são, com frequência, defendidas para além da razão ou da necessidade” (SAID, 2003, p. 58). A subalternidade étnica e de gênero é pautada em toda a extensão do texto, com vistas a promover um melhor entendimento da identidade feminina cabo-verdiana, assim como a construção cultural do sujeito subalterno.

Condicionada por fatores históricos e socioeconômicos, em específico, a mulher cabo-verdiana, foi responsável pela constituição social e física das mulheres na ilha. A teoria feminista pós-colonial vem para acentuar esse trecho da história que não aparece nos livros, na literatura, muito menos no dia-a-dia, a luta pela igualdade e inclusão social deve ser constante, pois, na condição de subalternas, sempre haverá alguém à espreita para puxar o tapete.

O pós-colonialismo, como atividade libertacionista, deveria reconsiderar o movimento das mulheres, negras principalmente, pois este é um grande apoio na interrupção da retórica do colonizador. Como aponta Almeida (2013),

Se podemos dizer, por um lado, que o pós-colonialismo se fortalece com a interrupção ocasionada pelos estudos feministas; por outro lado, podemos salientar como a crítica feminista, questionada há algum tempo por seu branqueamento e seu ocidentalismo, tem sido insistentemente levada a refletir, pelas próprias críticas feministas e pelo debate ampliado pelas discussões trazidas pelo pós-colonialismo, sobre a categoria universalista da mulher, abrindo caminho para se teorizarem várias outras e novas formas de se pensarem o lugar das mulheres na contemporaneidade, a falácia da

universalidade, a diferença entre as mulheres, os vários sujeitos do feminismo, a transversalidade do gênero, entre outros (ALMEIDA 2013, p. 692).

Espera-se que os estudos feministas pós-coloniais possam não só dar visibilidade à história da mulher enquanto colonizada e subalterna, mas que tenham o cuidado com o seu lugar de fala. Não é profícuo teorizar uma realidade sem mostrar os caminhos para a sua transformação. Como disse Spivak (2010), “o intelectual pós-colonial, busca aprender a falar ao (em vez de ouvir ou falar em nome do) sujeito historicamente emudecido da mulher subalterna”, é uma linha tênue, entre a empatia e a falta de consideração em relação a posição do outro.

“O intelectual pós-colonial não pode falar pelo subalterno, mas pode lutar ‘contra’ a subalternidade, este deve criar meios pelos quais o sujeito subalterno possa falar, para que quando, ele ou ela o faça, possa ser ouvido (a)” (SPIVAK, 2010, p. 14), e essa é uma das ideias que deveriam ser destacadas ao estudarmos e discutirmos sobre a pós-colonialidade, como abrir os caminhos para que o/a subalterno (a)/colonizado (a) possa vir a ser ouvido e conseqüentemente, ter poder de fala. Se faz necessário a coleta de todas as informações e histórias silenciadas no passado, para que se construa uma nova história das mulheres em países periféricos, no entanto, é importante não só resgatar essas memórias, mas fazer com que essas mulheres possam vir a ter a oportunidade de ascender dessa vida de subalternidade.

## Referências

- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Intervenções feministas: pós-colonialismo, poder e subalternidade. *Revista Estudos Feministas*, p. 689-698, 2013.
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.
- BAHRI, Deepika. Feminismo e/no pós-colonialismo. *Revista Estudos Feministas*, p. 659-683, 2013.
- FERREIRA, António Manuel. *Do canto ao conto: estudos de literatura portuguesa*. Aveiro: Edições Til, 2006.
- GAMA-KHALIL, Marisa Martins. O espaço do fantástico como leitor das diferenças sociais: uma leitura de O homem cuja orelha cresceu. *O eixo e a roda: Revista de literatura brasileira*, Belo Horizonte, v. 17, p. 89-102, 2008. Disponível em [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_ea\\_roda/article/view/3299](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3299). Acesso em 25 jun. 2019.

- GANDHI, Leela. *Postcolonial theory: a critical introduction*. Australia: Allen & Unwin, 1998.
- GLISSANT, Édouard. Crioulizações no Caribe e nas Américas. In: \_\_\_\_\_. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- GOMES, Simone Caputo. *O conto de Dina Salústio: um marco na literatura cabo-verdiana*. Rio de Janeiro: IDIOMA, 2013, nº 25, p. 52-70.
- GOMES, Simone Caputo (Org.). *Literatura Cabo-verdiana: leituras universitárias*. Cáceres: UNEMAT, 2015.
- GREWAL, Inderpal; KAPLAN, Caren (Ed.). *Scattered Hegemonies: Postmodernity and Transnational Feminist Practices*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Tradução de Adelaide Resende. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- MAZRUI, Ali A. *História geral da África, VIII: África desde 1935*. Brasília: UNESCO, 2010.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SALÚSTIO, Dina. *Entrevista inédita (a Simone Caputo Gomes)*. Praia, novembro, 1994.
- \_\_\_\_\_. Insularidade na literatura Cabo-verdiana. In: VEIGA, Manuel (Coord.). *Cabo Verde insularidade e literatura*. Paris: Éditions Karthala, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Mornas eram as noites*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional, 2002.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. “Revisitando a mulher na literatura: horizontes e desafios”. In: STEVENS, Cristina. *Mulher e literatura – 25 anos: raízes e rumos*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010.
- SILVA, Fabio Mario da. (Org.). *O feminino nas literaturas africanas em língua portuguesa*. Lisboa: CLEPUL, 2014.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.